

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 3 556

Título: "A AIA"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): QUEIROZ, ESA DE

Adaptador: PINHÃO, LUÍS

Realizador: ESTEVES, BASTELA

Locutor: ?

Data de produção: 22/10/1976

Data de Emissão: 1/11/1976

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
MARGARIDA BARPINTEIRO	AIA
LIA GAIYA	RAINHA
ADELAIDE JOÃO	VELHA DAIYA
PAULO SIMÕES	CAPITÃO

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Reis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIA ARTÍSTICA - NORBERTO BARROCA

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

MINI - TEATRO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROCESSO n.º <u>234</u>	PROGRAMA <u>0.1</u>
DATA DE ENTREGA <u>22/10/76</u>	EMISSÃO DE <u>1/1</u>
HORAS	
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	
A GRAVAR EM <u>2/11/76</u>	VISTO
HORA <u>9,45</u>	<i>Ja</i>
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

A A I A

SERVICIOS CRIATIVOS

PROCESSO n.º _____	PROGRAMA _____
DATA DE ENTREGA _____	EMISSÃO DE _____
HORAS _____	
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	
A GRAVAR EM _____	VISTO
HORA _____	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

Um conto de

ECA DE QUEIROZ

Numa adaptação de

LUÍS PINHAO

Personagens

500.00 AIA - Margarida Caspiutero
750.00 RAINHA - Lia Gama
500.00 VELHA DAMA - Adelaide João
500.00 CAPITÃO - Paulo Simões

Usoberto Barroca

Original

A MÚSICA INICIAL, MELODIA QUE DÊ UM AMBIENTE MEDIEVO, VEM A PRIMEIRO PLANO - UM TEMPO - POR FIM DILUI-SE

AIA

Porque vos afligis, senhora?

RAINHA

Não dais conta do que se passa, ama?

AIA

Talvez sejam infundados os vossos receios, senhora!

RAINHA

A vossa calma, ama, espanta-me! Um grande temor enche o palácio, onde agora reina uma mulher entre mulheres. O bastardo, o homem de rapina que errava no cimo das serras, desceu à planície com a sua horda, e já através de casais e aldeias felizes vai deixando um sulco de matança e ruínas.

AIA

As portas da cidade foram seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardem lumes mais altos.

RAINHA

Mas à defesa falta disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada, ama. Toda a nobreza fiel pereceu na grande batalha. E a rainha desventurosa apenas sabe correr a cada instante ao berço do seu filhinho e chorar sobre ele a sua fraqueza de viúva. Só vós, ama leal, pareceis segura - como se os braços em que estreitais o vosso príncipe fossem muralhas de uma cidadela que nenhuma audácia pode transpor.

AIA

Quando penso que um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e searas, prateou a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vive no seu berço, dentro das suas faixas...

RAINHA

A Lua cheia que o viu marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, come

çava a minguar - quando um dos seus cavaleiros apareceu, com as armas rotas, negro do sangue seco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre a flor da sua nobreza, à beira de um grande rio.

AIA

Se me fosse permitido, senhora, diria que a rainha chorou magnificamente o rei.

RAINHA

Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chora ansiosamente o pai que assim deixou o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua frágil vida e do reino que será seu, sem um braço que o defende, forte pela força e forte pelo amor.

AIA

Desses inimigos o mais temeroso é seu tio...

RAINHA

Irmão bastardo do rei, homem depravado e bravio, consumido de cobiças grosseiras, desejando só a realeza por causa dos seus tesouros, e que há anos vive num castelo sobre os montes, com uma horda de rebeldes, à maneira de um lobo que, entre a sua atalaia, espera a presa. Ai! a presa agora é esta criancinha, rei de mama, senhor de tantas províncias, e que dorme no seu berço com o seu guizo de ouro fechado na mão! Ao lado dele, outro menino dorme noutro berço.

AIA

Mas esse é um escravozinho...

RAINHA

Filho da bela e robusta escrava que amamenta o príncipe. Ambos nasceram na mesma noite de Verão. O mesmo seio os cria. Quando, antes de adormecer, venho beijar o príncipezinho, que tem o cabelo louro e fino, beijo também por amor dele o escravozinho, que tem o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluzem como pedras preciosas. Sòmente o berço de um é magnífico e de marfim entre brocados - e o berço do outrô pobre e de verga. A leal escrava, porém, a ambos cerca de carinho igual, porque se um é o seu filho - o outro será o seu rei.

AIA

Nascida nesta casa real, eu tenho a paixão, a religião dos meus senhores.

RAINHA

Eu sei, ama, eu sei! Nenhum pranto correu mais sentidamente do que o vosso pelo rei morto à beira do grande rio. Pertenceis, porém, a uma raça que acredita que a vida da Terra se continua no Céu.

AIA

Assim é, senhora! Sim, o rei meu amo, decerto, já estará agora reinando num outro reino, para além das nuvens, abundante também em searas e cidades. O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pajens hão subido com ele às alturas. Os seus vassallos, que forem morrendo, prontamente irão nesse reino celeste retomar em torno dele a sua vassalagem. E eu um dia, por meu turno, remontarei num raio de luz a habitar o palácio do meu senhor, e a fiar de novo o linho das suas túnicas, e a acender de novo a caçoleta dos seus perfumes.

RAINHA

Sereis no Céu como fostes na Terra, e feliz na vossa servidão. Respeito o vosso pensar, ama! Sei que sois sincera.

AIA

Todavia, senhora, também eu tremo pelo meu príncipezinho! Quantas vezes, com ele pendurado do peito, penso na sua fragilidade, na sua longa infância, nos anos lentos que correrão antes que ele seja ao menos do tamanho de uma espada, e nesse tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, faminto do trono, e espreitando de cima do seu rochedo entre os alfanges da sua horda! Pobre príncipezinho de minha alma! Com uma ternura maior o aperto então nos braços.

RAINHA

Mas se o vosso filho chakra ao lado - é para ele que os vossos braços correm com um ardor mais feliz.

AIA

Levai-lo a mal, senhora?

RAINHA

Por Deus, ama, que não!... Mas esse, na sua indigência, nada tem a recear da vida. Desgraças, assaltos da sorte má nunca o poderão deixar mais despido das glórias e bens do mundo do que já está ali no seu berço, sob o pedaço de linho branco que resguarda a sua nudez. A existência, na verdade, é para ele mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu príncipe, porque nenhum dos duros cuidados com que ela enegrece a alma dos senhores roçará sequer a sua alma livre e simples de escravo.

AIA

E, como se o amasse mais por essa humildade ditosa, cubro o seu corpinho gordo de beijos pesados e devoradores - dos beijos que eu faço ligeiros sobre as mãos do meu príncipe.

S E P A R A D O R

BRADOS DE ALARME RESSOAM COM O BATER DAS ARMAS - UM TEMPO - ESTES RUÍDOS PASSAM A SEGUNDO PLANO - PASSOS QUE SE APROXIMAM

RAINHA - NUMA AFLIÇÃO

Filho!... Filho!... Meu filho!... (NUM GRITO) Vazio! Está vazio! O berço de marfim, com as roupas desmanchadas, está vazio!... Oh, meu filho!... (CHORA)

AIA - MUITO CALMA

Senhora, o vosso filho dorme tranquilamente...

RAINHA

Onde?

AIA

No berço de verga.

VELHA DAMA

É verdade, senhora!... O príncipe lá está, quieto, adormecido, num sonho que o faz sorrir, lhe ilumina toda a face entre os seus cabelos de ouro. Louvado seja Deus! Salvo! Está salvo o nosso príncipe, senhora!

RAINHA

Salvo?!... O meu filho está salvo?!... Oh, meu querido filho!... (BEIJOS - LEVE CHORO DE CRIANÇA) Meu querido filho!...

VELHA DAMA

Donas e donzelas, ide buscar um manto para cobrir a nudez da rainha!

RAINHA

Quando me apercebi da tragédia, corri, como louca, para aqui, desgrenhada e quase nua. (PAUSA) Mas quem salvou o príncipe? Quem?... (PAUSA) Esperai!... (NUM GRITO) Ama!... Ama, fostes vós?... Fostes vós, ama, quem salvou o príncipe?...

VELHA DAMA

A pobre permanece no silêncio e na treva. Foi ela, senhora, que, calada, muito lenta, muito pálida, descobriu o pobre berço de verga, mostrando-nos o príncipe adormecido.

RAINHA

Bendita sejais vós, ama, para todo o sempre! (PAUSA) Mas... Se o berço de marfim está vazio e se o príncipe se encontra no berço de verga, onde está o... (NUM GRITO) Ama!... Que aconteceu?... Que se passou, ama?...

AIA - MUITO CALMA

Que aconteceu?!... Que se passou?!...

RAINHA

Sim, ama, conta!... Suplico-vos!

AIA - PAUSADAMENTE

Era já noite, noite de silêncio e de escuridão, indo eu a adormecer, já despida, no meu catre, entre os meus dois meninos, adivinhei, mais que senti, um curto rumor de ferro e de briga, longe, à entrada dos vergéis reais. Embrulhada à pressa num pano, atirando os cabelos para trás, escutei ansiosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente, sobre lajes, como um fardo. Descerrei violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistei homens, um clarão de lanternas, brilhos de armas... Num relance tudo compreendi - o palácio surpreendido, o bas-

tardo cruel vindo roubar, matar o meu príncipe! Então, rapidamente, sem uma vacilação, uma dúvida, arrebatei o príncipe do seu berço de marfim, atirei-o para o pobre berço de verga - e tirando o meu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitei-o no berço real, que cobri com um brocado. Era tempo. Bruscamente um homem enorme, de face flamejante, com um manto negro sobre a cota de malha, surgiu à porta da câmara, entre outros, que erguiam lanternas. Olhou - correu ao berço de marfim onde os brocados luziam, arrancou a criança, como se arranca uma bolsa de ouro, e, abafando os seus gritos no manto, abalou furiosamente. (LONGA PAUSA - PASSOS APRESSADOS NO LAJEDO)

CAPITÃO

Senhora!...

RAINHA

Sois vós, capitão? Que se passa?

CAPITÃO

Senhora, o bastardo morreu!

RAINHA

Morreu o maldito!

CAPITÃO

Colhido, ao fugir, entre o palácio e a cidadela, esmagado pela forte legião de arqueiros, sucumbio, ele e vinte da sua horda. O seu corpo lá ficou, com flechas no flanco, numa poça de sangue.

RAINHA

Justiça foi feita! No vosso semblante há, porém, mais tristeza que triunfo, capitão!

CAPITÃO

Assim é, senhora! O maldito lá ficou. Mas ai! dor sem nome! O corpezinho tenro do príncipe lá ficou também, envolto num manto, já frio, roxo ainda das mãos feroces que o tinham esganado!...

RAINHA

Enganais-vos, capitão! O príncipe está são e salvo!

CAPITÃO

Não é possível, senhora! Pois se eu...

RAINHA

Olhai! O príncipe está aqui!

CAPITÃO

Mas... Quem o salvou? Quem?

RAINHA

Ela!

CAPITÃO

Quem, senhora?

RAINHA

Lá está junto do berço de marfim vazio, muda e hirta, aquela que o salvou! Serva sublimemente leal! Foi ela que, para conservar a vida ao seu príncipe, mandou à morte o seu filho... Ama, perdoai-me!... No arrebatamento egoísta da minha alegria, quase cheguei a esquecer a vossa dor... Deixai que a mãe ditosa, emergindo da sua felicidade extática, abrace apaixonadamente a mãe dolorosa... Ama, minha irmã, permiti que vos beije... Irmã do meu coração!

CAPITÃO

Senhora, é mister que seja recompensada, magnificamente, a serva admirável que salvou o rei e o reino.

RAINHA

Mas como? Que bolsas de ouro podem pagar um filho?

VELHA DAMA

Se me permitis, senhora, lembro que ela seja levada ao tesouro real, e escolha de entre essas riquezas, que são as maiores da Índia, todas as que o seu desejo apeteça.

RAINHA

Lembraís bem! Vinde, minha irmã! Acompanhai-nos à câmara dos tesouros. O meu braço servir-vos-á de apoio. Donas e donzelas, vindé também!

S E P A R A D O R

PORTA QUE SE ABRE RANGENDO - PASSOS

RAINHA

Abri aquelas janelas! (RUÍDO DE ABRIR AS JANELAS)

CAPITÃO - EXTASIADO

Ah!...

VELHA DAMA

Que se passa, capitão?

CAPITÃO

Destrancadas as janelas, a luz da madrugada, já clara e rósea, entrando pelos gradeamentos de ferro, acendeu um maravilhoso e faiscante incêndio de ouro e pedrarias!

RAINHA

Minha irmã, olhai e vede! Do chão de rocha até às sombrias abóbadas, por toda a câmara, reluzem, cintilam, refulgem os escudos de ouro, as armas marchetadas, os montões de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de pérolas, todas as riquezas deste reino, acumuladas por cem reis durante vinte séculos. Escolhei, minha irmã, o que vos aprouver.

VELHA DAMA

Que jóia maravilhosa, que fio de diamantes, que punhado de rubis, irá ela escolher, capitão?

CAPITÃO

Não, não sei! Sei apenas que, sem que a sua face de mármore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como num sonho, ela se deixou conduzir até aqui. E mesmo agora, no meio da câmara, envolta na refulgência preciosa, a pobre nem sequer se

move...

VELHA DAMA

Apenas os seus olhos, brilhantes e secos, se erguem para o céu que, além das grades, entrevê...

CAPITÃO

Agora sorri...

VELHA DAMA

A pobrezinha sorri, e estende, lentamente, a mão, à procura de algo...

RAINHA

Que procurais, minha irmã? E porque sorris?

AIA

Apenas quero aquele punhal, entre um molho de armas, sobre esse escabelo...

RAINHA

É estranho! Com tanta jóia...

AIA

Este punhal me basta!

RAINHA

É um punhal de um velho rei, todo cravejado de esmeraldas, e que vale uma província, é certo! Porém, para que o quereis?

AIA

Olhai, senhora!

RAINHA

O quê?

AIA

Aquele céu que, além das grades, se tingem de rosa e de ouro.

RAINHA

Não compreendo que relação possa haver...

AIA

É lá, naquele céu fresco de madrugada, que está agora o meu menino. Está lá, e já o Sol se ergue, e é tarde, e o meu menino chora decerto, e procura o meu peito!... (PAUSA - NUM GRITO) Este peito!

VELHA DAMA

Oh, que horror! A pobre enterrou o punhal no coração.

RAINHA - NUMA AFLIÇÃO

Ama, minha irmã, porque fizestes isso? Porquê?

AIA - NUM ÚLTIMO ESTERTOR

Salvei o meu príncipe, senhora, e agora vou dar de mamar ao meu filho! (GOLPE MUSICAL QUE LIGA COM O FECHO)

F I M

Lx. 28/10/975 = 7/5/976